



Baile de Máscaras: estilo e éthos na revista *Capricho*¹

Letícia Nassar Matos MESQUITA²
Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

RESUMO

A revista *Capricho* é uma publicação da Editora Abril direcionada ao leitor feminino dos 12 aos 18 anos. Em média a revista, que circula quinzenalmente, possui 100 páginas, tem seis seções fixas e dentre elas uma que se destaca pelo tom de voz irônico: a “Coluna do Jerri”. Considerando um exemplar da revista como um único texto (e aqui examinaremos as edições de janeiro a novembro de 2010), este artigo se propõe a analisar como a “Coluna do Jerri” constrói seu estilo e como este corrobora na construção do éthos da revista *Capricho*.

PALAVRAS-CHAVE: mídia impressa; gênero; estilo; semiótica; Bakhtin.

Introdução

Para desenvolver as análises utilizamos como aporte teórico a semiótica greimasiana e os conceitos bakhtinianos de gênero e estilo, considerando que ambos dialogam ao partirem do pressuposto de que, ao evidenciarmos a axiologia subjacente a uma determinada classificação discursiva, estamos trabalhando com estilos, composições e temáticas característicos de um fato discursivo. Portanto, “buscar no dito um modo próprio de dizer” (DISCINI, 2001, p. 29)

Nessa busca pelo modo próprio de dizer na Coluna do Jerri, que é apenas um recorte de uma totalidade – a revista *Capricho* – contamos com a proposta metodológica da semioticista Norma Discini (2001, p. 29) de “descrever um estilo, como modo de presença no mundo, tendo como apoio teórico a semiótica greimasiana.” No entanto, é a própria Discini quem diz que “há muito o que ser feito para que se entenda o papel dos gêneros na construção do estilo[...]” e, por isso aqui trabalhamos com a hipótese de que o estilo da Coluna Jerri sofre coerções do gênero discursivo da revista *Capricho* e reciprocamente constroem o Jeito *Capricho* de Ser – o éthos da publicação.

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação: linguagens verbal e visual, UFES; mestre em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), e-mail: letty3@yahoo.com.



Já a noção bakhtiniana de gênero vamos encontrá-la em alguns de seus livros, porém vamos trabalhar aqui aproximando-nos do livro *Estética da Criação Verbal*, onde o conceito é desenvolvido mais amiúde. Para o autor russo, “[...]cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso o que se denomina: gêneros do discurso” (1997, p. 285). Complementa Discini, “estáveis tanto em relação ao conteúdo temático-figurativo, quanto em relação à estrutura textual.” (2005, p. 34)

Gênero e Estilo

A revista *Capricho* é um suporte para um tipo de discurso midiático: o impresso. Dentro desse impresso, temos enunciados cujas características diferenciam os seus modos de fazer e dizer, que são os gêneros. Um articulista da imprensa diária redige seu texto sabendo que as suas informações precisam estar temporalizadas no aqui e agora. O seu leitor, porém, ávido pela atualização dessas informações, possui um tempo de leitura curto, pois a notícia da coluna tem uma validade efêmera. Topologicamente, esse enunciado não ocupará um espaço grande em um jornal, pois na mesma página precisam ser publicados os anúncios, as fotografias, as matérias etc., logo o articulista não poderá se estender em análises, explicações e detalhes que poderiam levar a compreender o cotidiano.

Assim, para o gênero artigo no suporte jornal diário pressupõe-se estruturas narrativas específicas onde a seleção de temas e figuras e o modo como serão utilizadas deve respeitar as regras específicas para esse gênero inserido no suporte jornal.

A mesma preocupação com as especificidades do gênero, ou seja, as coerções genéricas são encontradas em publicações semanais, quinzenais e mensais. A questão de tempo e espaço, por exemplo. Mais elaborados, opinativos e complexos, esses artigos recebem um tratamento conteudístico pertinente ao tempo e ao espaço que, não só autor do texto mas também o seu leitor, terão para realizar o seu fazer fazer – a escrita, para um, e a leitura, para o outro. Assim, todo gênero do discurso pressupõe um determinado lugar e um determinado momento que, por suas diferentes coerções, impõem o como fazer.

Marcuschi (2008, p. 176) explica que “todos os textos se realizam em algum gênero e que todos os gêneros comportam uma ou mais sequências tipológicas e são produzidos



em algum domínio discursivo que, por sua vez, se acha dentro de uma formação discursiva, [...]” e é por meio de um suporte que esses textos circulam na sociedade.

Cabe então ao sujeito estabelecer um modo próprio de como responder às coerções, sejam estas as coerções do gênero, sejam às axiológicas, construindo um modo próprio de ser e estar no mundo.

Para Bakhtin, gênero contém em sua formação: estilo, construção composicional e conteúdo temático. Esses três elementos indissolúveis são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação e o estilo está ligado ao enunciado e as formas típicas deste, ou seja, aos gêneros do discurso.

[...] o estilo é indissociavelmente vinculado a unidades temáticas determinadas e, o que é particularmente importante, a unidades composicionais; tipos de estruturação e de conclusão de um todo; tipo de relação entre locutor e os outros parceiros da comunicação verbal – relação com o ouvinte, ou com o leitor, com o interlocutor, com o discurso do outro, etc. Assim, estilo entra como elemento na unidade de gênero de um enunciado. (BAKHTIN, 1997, p. 285)

Quanto a esses parceiros da comunicação,

Enquanto falo, sempre levo em conta o fundo aperceptivo sobre o qual a minha fala será recebida pelo destinatário: o grau de informação que ele tem da situação, seus conhecimentos especializados na área de determinação da comunicação cultural, suas opiniões e convicções, seus preconceitos (de meu ponto de vista), suas simpatias e antipatias, etc. Pois é isso que condicionará sua compreensão responsiva de meu enunciado. (IDEM, p. 321)

Essa relação intersubjetiva, entre enunciador e enunciatário, que são desdobramentos do sujeito da enunciação, determina a escolha do gênero, dos procedimentos de composição, os recursos lingüísticos e a temática, que em sua recorrência constituem o estilo e este produz um efeito de sentido de individualidade. Esse “efeito de individualidade permite a construção do ator da enunciação” que manifesta-se por um éthos. (DISCINI, 2001, p. 33) E é o início da reconstrução desse ator da enunciação o que este artigo se propõe.

Para tanto, como indica Discini, “esse ator será observado na recorrência de um fazer e na recorrência de um ser, o que indica o seu aspecto, ou seu modo de ser.” Para tal

empreendimento, devemos explorar a orientação tímica de uma totalidade, ou seja, “como a foria, desdobrada em disforia, valor do Mal, e euforia, valor do Bem, modifica ou modaliza os querer e os não-querer de um sujeito em relação ao mundo” (2001, p. 31).

Para entender o estilo, deve-se prender à imagem-fim do ator da enunciação de uma totalidade de discursos enunciados. Essa imagem-fim, simulacro-reflexivo, ou seja, imagem construída do ator para si mesmo, é também um simulacro hétero-reflexivo, supondo a visão que tenho do outro, bem como a visão que penso que outro tem de mim. [...] O estilo, portanto, fundamenta-se num simulacro, e é reconstruído por outro: o percurso gerativo do sentido que, por meio da narratividade e do discurso, reconstrói a geração do sentido da totalidade, para aumentar a inteligibilidade dessa mesma totalidade. (DISCINI, 2001, p. 31)

Quando observamos a totalidade de discursos enunciados veremos emergir o efeito de diferença, quando há o diálogo do estilo com o exterior, ou seja, o que não é o seu centro, temos a heterogeneidade constitutiva que é inerente a todo estilo. Também podemos observar que às vezes o estilo se apresenta vinculado à heterogeneidade mostrada, ou seja, a intertextualidade estilística.

Discini explica que podemos entender como intertextualidade estilística “a imitação de um estilo por outro, seja por captação, como é o caso da paráfrase e da estilização, seja por subversão, como é o caso da paródia e da polêmica [...]”. A partir dessa apresentação do estilo, é possível analisar

A paráfrase de estilo, paródia de estilo, polêmica de estilo e estilização de estilo.[...] Para a análise da intertextualidade estilística, observar a relação entre enunciado e enunciação, tanto no estilo considerado de base, como nas retomadas intertextuais. Para isso, será observada a maneira como se imita o enunciado e se capta ou subverte enunciado e enunciação do estilo de base. (idem)

Na análise de um estilo, a partir do modo recorrente de como a enunciação é referencializada no enunciado, construindo o conjunto axiológico da totalidade, poderemos observar “uma leitura homogeneizadora do mundo, inerente ao efeito de individuação de uma totalidade de discursos enunciados.” (DISCINI, 2001, p. 31)

É a partir dessas considerações epistemológicas que começaremos a analisar uma das seções da revista – a Coluna do Jerri, não perdendo de vista o todo em que está inserida, para começarmos a construção do corpo, da voz do caráter de uma totalidade – o éthos, que é estilo, da *Capricho*.

A Revista

A *Capricho* circula quinzenalmente para todo o Brasil. São mais de 200 mil exemplares por edição para cerca de dois milhões de leitores³. A leitora de *Capricho* folheia mais de 80 páginas até chegar à Coluna do Jerri. Nessa(s) página(s)⁴ ela tem: os textos formatados em tópicos, chamados no jornalismo impresso como “notas”, e uma coluna denominada *Micos*. No ano de 2010, o autor optou por fazer um fio fino (uma frase que acompanha o título) e um título, que podemos considerar o tema que será abordado, e intertítulos para os parágrafos, tornando a leitura mais rápida e menos densa. Por exemplo, a edição de 9 de maio de 2010:



Como você deve ter reparado, a CAPRICHO mudou o visual! Bom, se ainda der tempo, aqui vão as minhas ideias para...

Novas seções radicais! [o título]

Oi da fofoqueira

A funcionária mais fofoqueira ganha uma página para fazer a caveira do pessoal da redação só para ela.

Look pobre

Dicas de produtos incríveis com o preço de até R\$1,99 para as leitoras menos afortunadas da revista.

Reprovados

Os produtos de beleza que a Galera Capricho usou, deu ziquizira e foram parar no hospital por causa deles.

Não quero nem saber

Nesta seção, agente não explica nada, só enrola. Mas você fica achando que sabe.

[...]

³ M&M – 7/9/2010

⁴ Às vezes a coluna vem publicada em duas páginas.



Nessa edição a coluna faz uma paródia com as seções fixas da revista que são: *Oi da editora*, *Look*, *Aprovados*, *Alguém me explica*. Outros exemplos ajudarão a conhecer a Coluna do Jerri. Vamos nos ater ao fio fino e ao título (que está em itálico):

Achei legal a matéria de profissões que vão bombar no futuro (Ed. 1102), mas, na minha opinião, faltaram essas. *Profissões que vão bombar!* (29/8/10)

Você sabia que a CAPRICHOSO tem leitores masculinos? Não?! Pois descubra aqui o que pensam esses... *Meninos Caprichosos!* (25/4/10)

Também quero ajudar na campanha antibullying. Conheça as... *...15 maneiras para você evitar o bullying na escola!* (18/7/10)

Seu namorado a pressiona para transar e você não agüenta mais?! Decore estas... *Respostas ducha de água fria!* (28/3/10)

Já na coluna *Micos*, a palavra é da leitora, que manda cartas para o Jerri e este as comenta:

Taylor ou Tony? Mico enviado por B.R.
Estava na praia com uma amiga, quando vi um homem muito peludo. Para brincar, falei: “esse cara é lobisomem?” Brava, minha amiga falou: ‘Não, ele é meu pai’. Fiquei mal!
JERRI: Lobisomem no Brasil não parece o Taylor Lautner. Parece o Tony Ramos! (29/8/10)

Biliete da síndika. Mico enviado por D.L.
Todo mundo sabe que elevador é um lugar bem constrangedor. Para quebrar o silêncio, decidi comentar com meu pai sobre os erros de português do bilhete que a síndica tinha colado na parede. Depois de zoar muito, percebi que a filha dela também estava no elevador. Morri!
JERRI: todo mundo sabe que elevador é constrangedor, por isso as pessoas ficam quietas pra não pagar mico. (18/7/10)

Joguinho errado. Mico enviado por M.D.
Uma vez fiquei na frente da minha casa fingindo que estava falando com um namorado para impressionar outros garotos. Tudo estava correndo muito bem, ninguém duvidava de mim, até que meu telefone tocou! Todo mundo percebeu a farsa e olhou para mim! Quase morri de tanta vergonha.

JERRI: isso não funciona! Não são os meninos que ficam loucos para ficar com uma menina se ela tem namorado – são as meninas que fazem isso! (28/3/10)

A Coluna do Jerri suspende o tempo da revista em apenas 1 ou 2 páginas, tornando-se um espaço “onde reina o ambiente de liberdade efêmera” (BAKHTIN, 2008, p. 77), no qual temas irreverentes deixam não só o autor à vontade para falar como também as leitoras.



E a paródia é a principal característica da coluna. Faz-se a paródia com o conteúdo temático da revista por meio do verbal e do visual - este diz respeito à diagramação e ilustração.

A paródia traz marcas de uma lógica do avesso, como diz Bakhtin, uma vez que expor publicamente uma gafe, por exemplo, não condiz com as normas de bom comportamento. Assim como ironizar temas tão recorrentes e levados a sério pela revista, como o *bullying* e gravidez, poderia provocar uma contradição contenedística.

No entanto, o que permite a publicação dessa coluna é justamente o fato dessa paródia converter em riso o que é constrangedor, mas que faz parte da vida ordinária. Porém, ao mesmo tempo que zomba, Jerri reorganiza, traz à tona o que está nas entrelinhas das outras páginas e reafirma, mediante o oposto, os valores articulados pela revista. “[...] o riso popular ambivalente expressa uma opinião sobre um mundo em plena evolução no qual estão incluídos os que riem”, explica Bakhtin (2008, p. 11) e é por isso, também, que as cartas das gafes comportamentais cometidas pelas leitoras estão ali dividindo o espaço da página com o texto do Jerri. Ao proporcionar meios de reconhecimento dos temas e das figuras encadeadas e tratadas de maneira própria no discurso da *Capricho*, a Coluna do Jerri imita e subverte o outro mostrado, construindo assim a paródia.

“Ao discurso parodístico é análogo o emprego irônico [...] revestindo-a [a afirmação do outro] de novo acento e acentuando-a a seu modo com expressões de dúvida, ironia,

zombaria, deboche, etc.”, explica Bakhtin (2010, p. 222/3), com outra característica da paródia que é a subversão, pois do contrário, a imitação tal como *à moda do outro*, seria estilização.

A página da Coluna tem ilustrações e outros recursos gráficos que constroem a cenografia do espetáculo: o palco para o grotesco. Na ilustração maior, que é uma fotocoloragem, corpo humano tem cara de gato ou rostos em tamanhos ou características diferentes do tronco; um mico com rosto de caveira ilustra a coluna das cartas; cores nas letras e a vinheta da coluna completam o layout.

Os corpos humanos nas fotos-colagens remetem ao que Bakhtin fala do corpo grotesco: corpo humano com cara de gato, gatos com roupas, rostos grandes e corpo pequeno. No lugar do corpo idealizado exposto nas matérias e publicidades das outras páginas e que ocupa um cenário bem iluminado, planejado e onírico, da Coluna do Jerri emergem figuras bizarras, meio homem meio bicho, que assumem o papel principal da narrativa visual. No entanto não é monstruoso, pois “o grotesco será considerado monstruoso, se se perder a ambivalência regeneradora, se se perder o tom alegre comandado pelo riso”. (DISCINI, 2008, p. 63)

Além disso, há miscelânea de elementos em uma mesma foto: grama, castelo, geladeira, sofá. Mas todos elementos plásticos constroem, juntamente com o verbal, o efeito de sentido gerenciado pelo tema, constituindo, ao longo dos mais de 10 anos de publicação da Coluna, uma gramática jocosa, no dizer de Bakhtin.

Em seus estudos sobre o grotesco Bakhtin (2008, p. 35) observou que



a máscara traduz a alegria das alternâncias, [...] a alegre relatividade, a alegre negação da identidade e do sentido único, a negação da coincidência estúpida consigo mesmo; a máscara é a expressão das transferências, das metamorfoses, das violações das fronteiras naturais, da ridicularização, dos apelidos; a máscara encarna o princípio de jogo da vida, está baseada numa peculiar inter-relação da realidade e da imagem, característica das formas mais antigas do rito e espetáculos.

Não seriam as figuras dos gatos essa máscara? A revista *Capricho* já foi chamada de “a revista da gatinha”, mas, independente desse *slogan*, o gato é símbolo também da vida longa, da astúcia e da docilidade. Além do gato, tem o mico, máscara da antiga vinheta da coluna e as iniciais dos nomes, que não deixam de ser uma máscara. “Basta lembrar que manifestações como a paródia, a caricatura, a careta, as contorções e as



‘macaquices’ são derivadas da máscara” (BAKHTIN, idem). Portanto, esse enunciador e enunciatário estariam por trás dessas máscaras, pois ao mesmo tempo em que negam ser sujeitos da narrativa da coluna, assumem para si os *múltiplos rostos* que compõem a narrativa da revista.



Mas nesse caso a máscara não é para dissimular, enganar, encobrir. Ela é regeneradora, pois desvela em um tom jocoso e alegre os valores postos em circulação pela *Capricho*. Porém, não é porque esses valores são expressos de modo a provocar risos que eles não sejam importantes. Como diz Bakhtin (2008, p. 57), “[...] somente o riso, com efeito, pode ter acesso a certos aspectos extremamente importantes do mundo.” Assim, enquanto legitima a revista pela imitação, a Coluna do Jerri a subverte ao exhibir corpos grotescos e as gafes diárias de suas leitoras.

Mas então, quem usa as máscaras? Jerri, *Capricho*, leitora? Nesse jogo, nesse baile carnavalesco, Jerri, *Capricho* e leitora escolhem a máscara que “recobre a natureza inesgotável da vida e seus múltiplos rostos.” (BAKHTIN, 2008, p. 35)

O papel do gênero na construção do estilo

Como vimos, a Coluna do Jerri caracteriza-se pelo tom jocoso em sua estrutura narrativa para abordar temas que são recorrentes também nas demais seções da revista. O gênero crônica jornalística, no Brasil, tem essa característica, que, em uma linguagem coloquial, aborda a temática da atualidade publicada em jornal ou revista que, no dizer de Antônio Cândido, assume “o ar de ‘conversa fiada’, de apreciação irônica dos acontecimentos” (CÂNDIDO, 1980, apud Melo, 2003, p. 157).

Nesse caso, como a construção da crônica jornalística é permeada por diferentes vozes – a da revista (onde está publicada a informação), a da sociedade (fonte da informação), a dos autores (da notícia e da crônica) e a dos leitores – temos a polifonia como uma característica desse gênero. Por meio da heterogeneidade mostrada não marcada, como a ironia e o discurso indireto livre, a crônica simula a circulação do dito e do dizer entre os diferentes sujeitos que compõem o seu discurso. De modo contrário, com a monofonia, teríamos a materialização do dito e do dizer, ou seja, inviabilizando o pensar e o sentir do outro. “Com a heterogeneidade mostrada não marcada, o *eu* mostra

deliberadamente o *outro*, mas não o circunscreve a marcas específicas, [...]”, como explica Discini (2005, p. 166).

No caso da Coluna do Jerri temos outra heterogeneidade mostrada não marcada, a intertextualidade, quando a voz do outro, que pode ser outros gêneros da revista ou a leitora, por exemplo, é imitada e subvertida – a paródia.

Mas uma das questões que move este artigo é: até que ponto o gênero crônica influencia o estilo da Coluna do Jerri? Outra questão está subjacente a esta: o texto do autor está engessado pelas características desse gênero? Se no Brasil a crônica tem por característica abordar os fatos da vida cotidiana em um tom risível, até mesmo grotesco, o enunciador da Coluna do Jerri o faz; se a linguagem deve ser coloquial, ele a usa; se precisa construir o efeito de distanciamento da axiologia do discurso onde está inserido, Jerri o constrói. Mas então onde está o estilo – o modo próprio de dizer do Jerri? Está, principalmente, nas escolhas discursivas feitas a partir de uma totalidade de discursos enunciados no texto *Capricho* e no modo como esses discursos, e sua axiologia, são enunciados, ou seja, na semiose entre conteúdo e expressão, sendo este último, por exemplo, o vocabulário, as dêixis, o tempo verbal, as cores e os tamanhos das letras, as ilustrações, a diagramação da página. Enfim, a partir da observação⁵ da enunciação no enunciado, da recorrência de traços de conteúdo e expressão, é que podemos construir o estilo da Coluna do Jerri e, por conseguinte, a leitura de mundo que ele enuncia a sua leitora.

Voltamos, então, como num percurso circular, ao gênero:

O querer-dizer do locutor se realiza acima de tudo na escolha de um gênero do discurso. Essa escolha é determinada em função da especificidade de uma dada esfera da comunicação verbal, das necessidades de uma temática (do objeto do sentido), do conjunto constituído dos parceiros, etc. Depois disso, o intuito discursivo do locutor, *sem que este renuncie à sua individualidade e à sua objetividade [sic]*, adapta-se e ajusta-se ao gênero escolhido, compõe-se e desenvolve-se na forma do gênero determinado. (BAKHTIN, 1997, p. 301)

Bakhtin deixa então claro que o gênero é um modo de dizer formatado pela sociedade de modo que se ele não existisse “a comunicação verbal seria quase impossível.” Logo,

⁵ Os estudos da recorrência dos traços de expressão e conteúdo não serão abordados neste artigo.



“os gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que a organizam as formas gramaticais (sintáticas)” (IDEM, p. 302)

Portanto, uma vez que os gêneros são maleáveis, Jerri modela sua fala à forma da crônica jornalística para continuar a enunciar, de modo cômico, o que a *Capricho* enuncia de modo sério. Duas entonações diferentes para dizer o mesmo, para cristalizar valores que estão subjacentes num éthos, o ser e estar no mundo *Capricho*.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão G. Pereira; revisão da tradução Marina Appenzeller. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DISCINI, Norma. **Estilo e semiótica**. Tese de doutorado. Curso de Pós-Graduação em Linguística, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo: 2001.

_____. **A comunicação nos textos**. São Paulo: Contexto, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3.ed. rev. e ampl. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.